

Somente a morte, anotei certa vez, aceita todos os movimentos, compreende, suporta e reconcilia todos eles. Esqueci quem foi que escreveu essa frase, que pen- de há anos da luminária sobre minha escrivadinha. Ago- ra, tenho um uso para ela.

Stanley está morto. Pela manhã, jazia em seu cesto.

virado para o lado. Graças a Deus, eu estava sozinho em casa e pude cuidar de tudo sem ter de agüentar a fala- ção da faxineira.

Diversas vezes perguntaram-me por que passei a vi- da inteira sozinho, sem mulher e sem filhos, sem falar com ninguém, e sempre respondi de maneira evasiva. Tenho um cachorro, costumava dizer: sentir o focinho de um cachorro pela manhã já basta para o dia todo. Ou, então, respondia que era filho único e que passei a vida inteira tentando livrar-me do amor recebido, a fim de conseguir um acesso mais direto à realidade. Era menti- ra, mas impressionava. Na verdade, os dois anos que passara com Leo haviam sido os mais intensos de minha vida adulta, aqueles dos quais me alimento até hoje. E isso porque ele não apenas me “escreveu”, mas, de cer- to modo, me fez também. Eu era sua ferramenta. A prin- cípio, eu procurara alguém a quem eu haveria de condu- zir pela mão na floresta; na realidade, porém, fui eu quem, pela mão de Leo, mergulhou trôpego numa aven- tura da qual, sem ele, eu não teria saído e à qual, talvez, eu não tivesse sequer sobrevivido. Ainda que jamais o te- nha admitido para quem quer que seja, fui um discípu- lo de Leo Himmelfarb. Minha fuga, para além do pre- texto oferecido por sua doença, não foi senão uma